

Os mortos não são números

Gerenciamento político da morte em tempos de pandemia¹

Élio Gasda²

Resumo: A pandemia, no Brasil, tem se revelado muito mais letal do que em muitos outros países. Isso é resultado de uma necropolítica, associada ao atual estágio do capitalismo, que se importa não com os mais vulneráveis, mas com os vencedores. A pandemia afeta, no Brasil, os mais pobres, dizimando de modo cruel as populações indígenas, que desde o processo colonizador têm sofrido constantes genocídios. Os mortos, porém, não são números apenas, são histórias, memórias, rostos, cuja ausência empobrece uma nação, e levanta a questão: que temos feito? Compactuamos com essa situação? Somos solidários com as vítimas? Somos humanos ou nos desumanizamos?

Palavras-chave: Necropolítica, Vulneráveis, Solidariedade, Números.

Abstract: The pandemic in Brazil has been much more lethal than in many other countries. This is the result of a necropolitics, associated with the current stage of capitalism, which cares not about the most vulnerable, but about the winners. The pandemic affects the poorest in Brazil, cruelly decimating the indigenous populations, who since the colonization process have suffered constant genocide. The dead, however, are not just numbers, they are stories, memories, faces, whose absence impoverishes a nation, and raises the question: what have we done? Have we coped with this situation? Are we in solidarity with the victims? Are we human or do we dehumanize ourselves?

Keywords: Necropolitical, Vulnerable, Solidarity, Numbers.

INTRODUÇÃO

Se queremos saber como o governo brasileiro gerencia a morte na pandemia, basta acessar a imprensa:

- “Bolsonaro comemora suspensão dos estudos envolvendo vacina fabricada pelo Instituto Butantã”³.

1 Texto da fala do autor no “Ciclo de palestras A dor, a morte e o luto no contexto da pandemia. Uma iluminação a partir da fé cristã”, realizada no dia 23/11/2020, organizado pela FAJE em parceria com as redes Servir e Diaconia, da Província dos Jesuítas do Brasil, que teve como título “Os mortos não são números. O gerenciamento político da morte em tempos de pandemia”, acessível no canal Youtube da FAJE no link: <https://www.youtube.com/watch?v=2zrBLWryKJU>

2 Teólogo, jesuíta, professor de ética teológica na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

3 Bolsonaro comemora suspensão de testes da Coronavac. DW, 2020. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-comemora-suspens%C3%A3o-de-testes-da-coronavac/a-55558007>>.

- “Ministério da Saúde espera crescimento de mortes para agir contra ‘segunda onda’ de covid”⁴.

- “Bolsonaro prefere deixar estragar 6,8 milhões de testes para diagnóstico da Covid-19 que testar a população. Esses testes poderiam ter evitado que o Brasil chegasse a 170 mil mortos, mas estão estocados em um armazém. Os testes que perdem a validade são maiores do que os 5 milhões de testes que o governo realizou em 9 meses. O prejuízo com os testes vencidos é de R\$ 290 milhões”⁵.

Em 22 de abril de 2020, o relator da ONU sobre Pobreza extrema e Direitos Humanos, Philip Alston afirmou: “Esta é uma crise que afeta desproporcionalmente as pessoas pobres, com maior probabilidade de ter problemas de saúde, morando em moradias lotadas, carecendo de recursos para ficar em casa por longos períodos e trabalhando em empregos mal remunerados que os forcem a escolher entre arriscar a saúde de seus filhos ou a perda de renda”⁶.

O uso da pandemia para matar pobres e idosos “sem valor”, de forma massiva, é o ato mais perverso do capitalismo global em sua etapa atual. Quem reflete sobre a destruição da natureza do capitalismo extremo, sabe que o tempo das pandemias chegaria. Os povos indígenas sabem disso há quinhentos anos: a chegada dos conquistadores europeus na América produziu uma das maiores catástrofes humanitárias da história: genocídio de 40 milhões de pessoas correspondia a 9% da população mundial na época. No Brasil, em 1500, a população indígena era de aproximadamente quatro milhões distribuídos em centenas de povos diferentes, falando mais de mil idiomas. Trezentos anos depois, esta população foi reduzida a 700 mil. Um genocídio de 4 milhões de seres humanos. Não eram números.

Povos africanos sabem há mais de quinhentos anos: a África teria aproximadamente 200 milhões de habitantes na época da chegada dos europeus⁷. Sabe-se com relativa precisão que 12.521.337 de seres humanos embarcaram na África em 36 mil viagens de navios de traficantes de seres humanos entre 1500 e 1867. Desses, 10.702.657 chegaram vivos à América. Os mortos na travessia seriam 1.818.680. Quase dois milhões morreram na travessia. Eram seres humanos: tinham um nome, uma história, uma família, uma terra, uma cultura. Até o início do século XIX, em plena Revolução Industrial, o tráfico negreiro era o maior de todos os negócios do mundo. O Brasil recebeu quase 40% do total dos 12,5 milhões de africanos

4 VARGAS, Mateus. Ministério da Saúde espera crescimento de mortes para agir contra ‘segunda onda’ de covid. Estadão, 2020. Disponível em <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-espera-crescimento-de-mortes-para-agir-contrasegunda-onda-de-covid,70003520475>

5 OLIVEIRA, Cida. Bolsonaro deixa estragar 6,8 milhões de testes de covid-19. RBA, 2020. Disponível em < <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/11/bolsonaro-deixa-estragar-68-milhoes-testes-covid19/>>

6 “As respostas à covid-19 estão prejudicando as pessoas na pobreza em todo mundo” – especialista de direitos humanos da ONU. UNITED NATIONS, 2020. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=25815>

7 GOMES. Laurentino. *Escravidão* – do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Vol. I. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. pág. 142-143.

traficados para a América: 5 milhões. A expectativa de vida de um homem escravizado era de apenas 18 anos. Genocídio.

1 DEIXAR MORRER. UM CAPITALISMO EXTREMO

A violência que atravessa a história do Brasil como uma ferida aberta pode ser explicada pelo contínuo processo de exclusão a que a população mais pobre é submetida. Segundo o IBGE⁸, o Brasil tem mais de 13 milhões de pessoas na extrema pobreza, gente que vive com menos de R\$150/mês. 53 milhões na pobreza - com renda de até R\$ 430 por mês. Pessoas que não possuem acesso às instalações de saneamento básico adequadas, fornecimento de água tratada e recolhimento de esgoto tornam-se alvos fáceis. Segundo o IBGE, um em cada três municípios relata a ocorrência de epidemias provocadas pela falta de saneamento básico. 34 milhões de brasileiros não têm moradia, há um aumento considerável de pessoas em situação de rua. O desemprego real pode chegar a 25%. O número de desempregados aumentou 1,1 milhão de agosto a outubro. Em 1 ano, Brasil perdeu 12 milhões de empregos. 30 milhões de adultos não têm fonte de renda.

A COVID-19 gerou o agravamento de uma crise já existente.⁹ O capitalismo está até saindo fortalecido desta pandemia. Alguns definem a pandemia no Brasil como um darwinismo social, exterminando – literalmente os ditos improdutivos ou “pessoas sem valor”, os idosos. Apenas os mais aptos sobrevivem, os desnecessários morrem. Mais aptos são aqueles com o status social mais alto, melhor saúde, melhor acesso a recursos, bem-estar material.

A covid-19 expôs a essência do capitalismo. Além dos altos índices de desigualdade, racismo estrutural e enormes índices de violência, o Bolsonarismo articulou os grandes proprietários de terras, igrejas evangélicas e o exército, um bloco de poder que ativa a barbárie. O governo sabe o que está fazendo. Há dois acontecimentos simultâneos. Um é a covid-19. Outro é a ação de Jair Bolsonaro e seu Governo. Por um lado, deixar a covid-19 avançar e matar, por outro, ampliar as condições para que ela mate mais. Atos governamentais, campanha de desinformação, declarações públicas. Ação intencional é deixar morrer.

O gesto político do Bolsonarismo é a mímica do pistoleiro atirando. Não há políticas públicas que preservem a saúde. Ações contra os povos indígenas e quilombolas, sem-terra, incentivo aos desmatamentos, liberação de agrotóxicos e o decreto que permite a impunidade ao proprietário de terra que mate ou mande matar, liberação do comércio de armas. Como parlamentar, usou de forma permanente a tribuna para defender os crimes da ditadura e homenagear torturadores e milicianos. É profunda sua rejeição aos Direitos Humanos.

8 Pobreza extrema afeta 13,7 milhões de brasileiros, diz IBGE. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/11/pobreza-extrema-afeta-137-milhoes-brasileiros-diz-ibge.shtml>>

9 “O Capitalismo sai fortalecido desta pandemia”. Entrevista com Robert Boyer. IHU,2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603447-o-capitalismo-sai-consideravelmente-fortalecido-desta-pandemia-entrevista-com-robert-boyer>

2 NECROPOLÍTICA

A pandemia tem demonstrado que algumas vidas valem mais que outras, e “quem tem pouco valor” pode ser descartado, afetando sempre as mesmas raças, classes sociais e os mesmos gêneros. Quanto mais frágeis forem as populações, maior o desequilíbrio entre a vida e a morte.

Foram estabelecidos cortes de aceitabilidade para descartar uma vida. As táticas de exclusão já estavam instauradas antes da pandemia. O papel de um governo que arrecada impostos é devolver estes impostos em serviços públicos em áreas como a da saúde. É função do Ministério da Saúde prevenir as doenças, tratar os pacientes e reduzir o número de mortes. Mas o Governo Federal faz o contrário.

Discursos políticos estão validando o darwinismo social. A ideia do discurso político como instrumento de poder foi desenvolvida por Aquile Mbembe, cientista político camaronês. Como estudioso da escravidão, da descolonização e da negritude, ele relacionou a ideia de poder de Foucault a um racismo de Estado estrutural que fortalece políticas de morte¹⁰.

A espécie humana será disposta em grupos e subgrupos com divisão biológica entre uns e outros. Essa divisão remete ao conceito de racismo. Toda a política de raça está relacionada com a política de morte. A transformação de seres humanos em coisas pressupõe a retirada do direito ao lar, dos direitos sobre o próprio corpo, do estatuto político, do direito ao luto. Essa tripla interdição equivale a um controle do outro, uma morte social.

Necropolítica é o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer. Deixar morrer se torna aceitável. O corpo matável é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor da raça. Existem estruturas com o objetivo de provocar a destruição de alguns grupos. Essas estruturas são formas de vidas sujeitas ao poder da morte e seus respectivos mundos de morte - formas de existência social nas quais populações são submetidas às condições de vida que conferem um status de “mortos-vivos”¹¹.

Cabe ao Estado estabelecer o limite entre os direitos, a violência e a morte. Os Estados utilizam seu poder e discurso para criar zonas de morte. A Palestina, alguns locais da África e da América latina. Quanto mais frágil for determinado grupo (classe, raça, gênero, etc.) maior o desequilíbrio entre o poder da vida e da morte sobre esse grupo. Alguns discursos retiraram a humanidade de certos grupos através da desclassificação da pessoa, ou seja, a ideia de que ela não fará falta. Existem territórios em que vidas podem ser tiradas em prol do interesse do poder. A guerra à criminalidade é um exemplo.

A função da necropolítica está imbricada no processo de algo muito maior e permanente: o fortalecimento do capitalismo neoliberal. A política se converte em uma guerra sublimada contra os pobres, uma guerra racial contra as minorias, uma guerra de gênero contra

10 MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

11 AGAMBEN, G. *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

as mulheres e os LGBT. Como a ‘prosperidade capitalista’ não é para todos, as políticas de morte passam a ser a forma de garantir a manutenção da ordem.

A abrangência do neoliberalismo o associa a um conjunto de transformações sociais de profundo impacto nas sociedades. A mercantilização da vida é indissociável do capitalismo. O neoliberalismo possui uma face oculta, que é a vinculação ao autoritarismo e a políticas de morte. Neoliberalismo e necropolítica se encontraram no Brasil. As crises são gestadas e administradas como meio para aprofundar as políticas que levaram à própria crise. Naomi Klein definiu como *Doutrina do Choque*¹²: crises acontecem porque ainda não foram aplicadas políticas verdadeiramente neoliberais.

Tudo aquilo que representar algum obstáculo à mercantilização da vida deve ser eliminado, principalmente os “indesejáveis”. A exclusão econômica é a mais evidente das formas de descarte. Cria-se uma distinção entre as “vidas vivíveis” daquelas que não o são. Há uma divisão entre vidas passíveis de luto daquelas cujas condições de humanidade é negada: indígenas, negros, pobres, gays, imigrantes, refugiados, idosos, desempregados, os periféricos.

O governo e seu apelo a políticas de morte, associado a um neoliberalismo radical, pode evoluir para um tipo de “Estado Miliciano”, do controle político exercido através das armas. O desmantelamento do Estado, eliminando os sistemas de proteção social está associado a um aparelhamento político. O Bolsonarismo sem freios está inaugurando uma inédita necropolítica neoliberal. A morte, mais do que banalizada, passa a ser celebrada. Políticos tomam decisões conscientes de que gerarão mortes, mas as tomam. Sabem que os cortes no sistema de saúde e na vigilância epidemiológica irão matar milhares de pessoas.

Necropolítica é gerir a vida utilizando a morte e a doença para concentrar mais poder. O Brasil é o produto cotidiano de uma guerra de conquista, cuja vítima é o povo pobre e indesejado. A pandemia é o cenário perfeito para isso. A pandemia apresentou-se para o Bolsonarismo como uma oportunidade para pôr em prática sua necropolítica.

3 ESTADO SUICIDÁRIO

A pandemia é problema público e apenas por meio do poder público ela pode ser enfrentada. No Brasil, a gestão política da morte revelou algo ainda pior. Trata-se da implementação de um “Estado suicidário”¹³. O Estado suicidário é um novo estágio nos modelos de gestão imanentes ao neoliberalismo. É a sua face mais cruel. Caminhamos para além da temática necropolítica do Estado como gestor da morte e do desaparecimento de corpos.

12 KLEIN, Naomi. *A Doutrina do Choque*. A Ascensão do Capitalismo Do Desastre. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2008

13 STINGUEL, Doney. *Bem-vindo ao Estado suicidário* – por Vladimir Safatle (n-1 Edições). GGN, 2020. Disponível em < <https://jornalgggn.com.br/blog/doney/bem-vindo-ao-estado-suicidario-por-vladimir-safatle-n-1-edicoes/> >

O Estado é a mistura da administração da morte de setores de sua própria população e do namoro com sua própria destruição. O governo está destruindo as bases do Estado. É uma resposta baseada no ódio contra o próprio Estado e contra tudo o que ele representa. Esse ataque ao Estado em plena pandemia está custando milhares de vidas.

Se ainda precisássemos de uma prova de que estamos lidando com uma lógica necropolítica de governo, esta seria a prova. Se para tanto alguns morrerem, ninguém vai criar um drama por causa disso. Que significam 170 mil mortes se estamos falando em “garantir o funcionamento da economia?” A história do Brasil é a do uso desta lógica.

O país divide seus sujeitos entre “pessoas” e “coisas”, entre aqueles que são tratados como pessoas, cuja morte provoca luto e comoção, e aqueles que são tratados como coisas, cuja morte é apenas um número, uma fatalidade. Todo mundo morre. E daí? Não há razão para o luto. Chegamos à consagração desta lógica. A população pobre é uma coisa descartável para que o processo de acumulação de riqueza não pare.

Séculos de necropolítica deram ao Estado brasileiro certas habilidades. Ele sabe que um dos segredos do jogo é fazer desaparecer os corpos. Você retira números de circulação, questiona dados, abre covas em lugares invisíveis. Bolsonaro e seus amigos generais vindos dos porões da ditadura militar sabem como operar com essa lógica. Essa violência é a matriz do capitalismo brasileiro.

O Estado brasileiro sempre foi a gestão de uma guerra civil não declarada. Seu exército não serve a outra coisa que se voltar periodicamente contra sua própria população indefesa. Somos a pátria da guerra civil, dos genocídios sem nome, dos massacres sem documentos, dos processos de acumulação de riqueza feitos à base da bala, do ferro e do terror. Tudo aplaudido por um terço da população. Enquanto isto lutamos para encontrar algo que nos faça acreditar que a situação não é assim tão ruim. O contexto do Brasil é uma política de morte executada de forma estrutural.

4 NOMES E HISTÓRIAS

São centenas de brasileiros a menos por dia. Saem muitos nomes e histórias. Vou me deter na realidade do genocídio indígena promovido por este governo. Muitas das grandes lideranças estão mortas. Foram elas que lideraram seus povos na luta pelas terras ancestrais e contra a destruição da floresta e dos biomas. São as primeiras vítimas do racismo estrutural da história do Brasil. Restam menos de 1 milhão. Segue uma sequência das palavras de Bolsonaro:

- “Se eu assumir [a Presidência do Brasil] não terá mais um centímetro para terra indígena”¹⁴;

14 Veja 10 declarações racistas de Bolsonaro sobre os indígenas. Esquerda Diário, 2019. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Veja-10-declaracoes-racistas-de-Bolsonaro-sobre-os-indigenas>>

- “Pena que a cavalaria brasileira não tenha sido tão eficiente quanto a americana, que exterminou os índios” (Correio Braziliense, 12/04/1998);

- “Em 2019 vamos desmarcar [a reserva indígena] Raposa Serra do Sol. Vamos dar fuzil e armas a todos os fazendeiros” (No Congresso, publicado em 21 Janeiro 2016);

Sobre dismantelar a FUNAI: “Se eleito vou dar uma foçada na FUNAI, mas uma foçada no pescoço. Não tem outro caminho. Não serve mais” (Espírito Santo, 1/08/2018, site Indigenistas Associados).

Parte da resistência indígena foi eliminada. E a pandemia está longe de acabar. Roraima é o Estado mais indígena do Brasil. Sem um plano emergencial, 40% dos Yanomami serão contaminados. São mais de 26.000 indígenas. Há mais de 20.000 garimpeiros na terra Yanomami. A Casa de Saúde Indígena (Casai), onde ficam os Yanomami levados à cidade, tornou-se um foco de contaminação.

Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês¹⁵: O subgrupo Yanomami Sanöma é composto por 3.200 pessoas. Em maio, três mulheres da tribo Sanöma e seus bebês foram levados para Boa Vista com suspeitas de pneumonia. Nos hospitais, as crianças foram contaminadas por covid-19. E morreram. Os corpos desapareceram, possivelmente enterrados em algum cemitério. Duas das mães contraíram covid-19 na Casa de Saúde Indígena abarrotada de doentes. Uma delas conseguiu enviar a seguinte mensagem: “Sofri para ter essa criança. Estou sofrendo. Meu povo está sofrendo. Preciso levar o corpo do meu filho para a aldeia. Não posso voltar sem o corpo do meu filho”.

Ser arrancada de uma aldeia no interior da floresta porque o filho está com pneumonia transmitida pelos garimpeiros que dizimaram parte da população Yanomami é uma violência. Sair da floresta para um hospital superlotado por conta da covid-19 é outra violência. Ter seu bebê contaminado por uma segunda doença, quando estava ali para ser curado é uma violência. E então ela perde o filho. Cada uma delas perde o filho.

As violências infligidas às mulheres Sanöma são enormes até para os padrões do Estado brasileiro. Para uma mulher Yanomami, enterrar um dos seus é incompreensível. Os Yanomami não são enterrados. Os corpos são cremados. Há um longo ritual fúnebre na comunidade. Um Yanomami se compreende como parte de uma comunidade em várias dimensões de mundos visíveis e invisíveis através dos xamãs. Os rituais de morte devem ser seguidos, levam meses, as vezes anos. Várias aldeias vão até a comunidade do morto para participar da cremação. As cinzas são guardadas. Meses depois os visitantes retornam para as celebrações. No último ato, as cinzas dos mortos são diluídas em mingau de banana para que o morto se dissipe no corpo de todos.

15 Conforme relata de BRUM, Eliane, em El País. *Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês*. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>>.

Se o ritual não for realizado, o morto não se deixará esquecer, o que provoca muito mal a toda a comunidade. Ao final, há apenas um morto - e não vivos que seguem mortos por não terem sido capazes de fazer o luto. Enterrar o corpo de um morto é um horror. Essa cena se repete em vários locais do Brasil. Dizimados por vírus e por balas há cinco séculos, eles resistem. Nunca houve um Yanomami enterrado antes. Nunca. Há ainda uma quarta mulher Yanomami, doente de coronavírus, que foi levada para ter o parto no hospital e nunca mais viu o corpo do bebê. Nascido prematuro de sete meses, o menino nasceu, morreu e desapareceu. Não há pior afronta para os Yanomami do que fazer ‘desaparecer’ seus mortos”.

A pandemia avançou 250% nos últimos três meses na Terra Yanomami. Um em cada três moradores da região pode ter sido contaminado. O número de casos confirmados saltou de 335 para 1.202 entre agosto e outubro. O último relatório da Articulação dos Povos Indígenas¹⁶ registrava 871 indígenas mortos até 02 de novembro.

5 GESTÃO POLÍTICA GENOCIDA

Há quatro pedidos de investigação de Bolsonaro¹⁷ por genocídio e outros crimes contra a humanidade no Tribunal Penal Internacional. Três deles relacionados à negligência intencional no enfrentamento da pandemia. São petições baseadas nos atos do Diário Oficial da União, na campanha oficial de desinformação, nas declarações públicas.

Os pedidos entendem que Bolsonaro está perpetrando um genocídio quando substitui profissionais da saúde experientes em epidemias por militares inexperientes em saúde, está perpetrando um genocídio quando distribui hidroxicloroquina para povos indígenas. Está perpetrando um genocídio quando retém os recursos destinados ao enfrentamento da pandemia enquanto faltam até sedativos nos hospitais para aplacar a dor das vítimas. Está perpetrando um genocídio quando veta medidas de segurança e estimula que as pessoas vão às ruas sem máscaras. É possível seguir listando atos de Bolsonaro que comprovam sua intenção de matar. Em 8 meses perdemos quase o triplo de pessoas comparado ao já escandaloso número de homicídios anuais do país.

Diante de tantas evidências, a maioria da sociedade silencia. Indiferença. Como vocês acham que os indígenas e a população negra se sentem em todos esses cinco séculos, enquanto é exterminada? O país normalizou o genocídio dos pobres. Se a pandemia acabasse hoje, o que temos é uma população de mais de 170 mil cadáveres de adultos, jovens, crianças, bebês. Cada uma destas vidas interrompidas deixou 1 milhão de enlutados.

Muitas destas pessoas poderiam estar vivas se o governo tivesse: 1) combatido a covid-19 seguindo as normas da Organização Mundial da Saúde; 2) liberado aos estados os

16 Disponível em: <https://apiboficial.org/>

17 JUCÁ, Beatriz. Profissionais da saúde levam a Haia denúncia contra Bolsonaro por genocídio e crime contra humanidade. El País, 2020. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-26/profissionais-de-saude-denunciam-bolsonaro-por-genocidio-e-crime-contra-a-humanidade-em-haia.html>>

recursos em vez de retê-los para alimentar disputas políticas; 3) mantido no ministério da Saúde um ministro que conhece o assunto e uma equipe de sanitaristas e epidemiologias que já estavam lá; 4) agido em vez de negar a gravidade da doença; 5) orientado a população em campanhas responsáveis; 6) feito todos os esforços para barrar a chegada da pandemia às terras indígenas, em vez de vetar até água potável; 7) agido como chefe de Estado e dado o melhor exemplo.

Como poderá barrar seu próprio genocídio um povo que se acostumou a morrer? Que acha natural que sejam os mesmos de sempre os que mais morrem? Os enlutados enfrentam uma dor extraordinária que é a da invisibilidade pela negação da gravidade da pandemia. Famílias inteiras dilaceradas enquanto tantos festejam nos bares, fazem festas madrugada afora, lotam os shoppings na black Friday. Desprezam a dor profunda dos que foram atingidos pela morte.

Os mortos são tratados com a mesma indiferença reservada aos vivos. A doença que matou pai, mãe, irmão avô ou avó, filho/filha tem sua gravidade negada pela autoridade máxima do país: E daí? O que acontece é ainda pior do que o pior. Não se trata apenas de “incompetência”.

CONSIDERAÇÃO FINAL

São mais de 6 milhões de contaminados. E ultrapassaremos os 200 mil mortos. Devemos pedir perdão aos mortos por nossa indiferença como povo? Pedir perdão aos mortos cada um com seu nome, sua história, seus desejos, suas fraquezas, seus sonhos, seus amores? Nomes convertidos em estatística. Pedir perdão por aqueles que foram enterrados em covas sem nome, enterrados em caixas de papel porque faltou caixão. Pedir perdão aos profissionais da saúde que arriscam sua vida dia após dia.

As pessoas se preparam muito para cuidar de quem amam quando morrem. A pandemia não permite. Receber a notícia da perda de alguém que amamos é devastador. Não é um corpo que ali está. É uma pessoa na grandiosidade de seus últimos momentos de vida. A despedida importa. Por mais que a gente se prepare para perder, a morte é um buraco. Passamos a ser carregadores de ausências. A morte é lambuzada de humanidades. Há tantas formas de pensar sobre ela. Cada um sabe de sua dor.

Quais seriam as “últimas palavras” de uma pessoa que morreu de covid? Quais seriam as tuas últimas palavras antes de morrer? Quais seria teu último pensamento? Você não é um número. A vida muda num instante. Está sozinho entubado, testemunhando o próprio fim. Sem se despedir de ninguém. Sem velório, em uma vala de algum cemitério público.

Escutemos o apelo do Papa Francisco para estes tempos duros:

Ou seguimos o caminho da solidariedade ou a situação vai piorar.

Não se sai de uma crise da mesma forma que antes. A pandemia é uma crise. De uma crise só se sai melhores ou piores. Temos que escolher. A solidariedade é precisamente um caminho para sairmos melhores da crise. No meio da crise, uma *solidariedade* guiada pela *fé* permite-nos traduzir o amor de Deus na nossa cultura globalizada. Nisto ajuda a solidariedade. Faço uma pergunta: penso nas necessidades dos outros? Cada qual responde no seu coração. No meio de crises e tempestades, o Senhor interpela-nos e convida-nos a despertar e a ativar esta solidariedade capaz de conferir solidez, apoio e um sentido a estas horas em que tudo parece naufragar.¹⁸

18 PAPA FRANCISCO. *AUDIENCIA GERAL*. Pátio São Dâmaso. Quarta-feira, 2 de setembro de 2020. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html>